BONJOUR TRISTESSE

por Sérgio Moriconi

Para quem é de Brasília, como eu, *Insolação* é um espanto. O "espanto de Clarice" (Lispector), eu diria. Mas não só dela! – explico mais adiante. Antes é preciso fazer alguns comentários sobre os responsáveis por este insólito, lírico, belo e, por que não, esotérico filme: o diretor Felipe Hirsch faz sua estreia no cinema ao lado de uma de suas colaboradoras habituais, Daniela Thomas, depois de conquistar alguns dos mais representativos prêmios das artes cênicas brasileiras nos últimos anos. *Avenida Dropsie*, sobre a obra de Will Eisner; *A morte de um caixeiro-viajante*, de Arthur Miller, com Marco Nanini; e muito mais recentemente, *Educação sentimental do vampiro,* baseado na obra de seu conterrâneo Dalton Trevisan; e *Não sobre o amor*, baseado na correspondência entre os escritores russos Victor Shklovsky e Elsa Triolet (franco-russa, no caso dela), são alguns desses espetáculos.

A menção a Shklovsky e Triolet não é fortuita. Um dos fundadores do grupo de formalistas russos, crítico de cinema, Shklovsky foi também roteirista em filmes de Kuleshov e Pudovkin. Triolet, por sua vez, foi casada com o poeta e romancista Louis Aragon. Em 1965, Agnès Varda realizaria *Elsa la rose,* um documentário de curta metragem sobre a história de amor de Elsa com Aragon. Bem, mas isso é outra história. Interessa aqui observar a relação de Hirsch com a literatura russa. *Insolação* tem como base contos de Tchecov, Turgueniev e Pushkine, adaptados para o filme de Hirsch e Daniela pelos roteiristas Will Eno e Sam Lipsyte. O primeiro é um conhecido dramaturgo norte-americano, premiado com um Pulitzer pela peça *Thom Pain*. Ele já havia tido uma obra sua, *Temporada de gripe*, montada por Hirsch. Lipsyte é um jovem escritor, também norte-americano, autor de contos e romances bem considerados pela crítica do seu país.

Eno e Lipsyte recolheram excertos das obras dos escritores mencionados que falam de amor. Se você conhece e ama a literatura russa, não espere encontrar em *Insolação* nada do espírito solar, leve, brincalhão de Pushkine, nem do humor e da leveza de Tchecov. O território do filme é existencial-metafísico. De Tchecov, especialmente, os autores retiveram o mergulho no abismo psicológico da alma humana. "Como tudo o que é mundano e comum se torna terrível e selvagem quando o coração é destruído por felicidade e amor em excesso. Este é o núcleo do texto", enfatiza a personagem de Paulo José para os seus "atores" num quiosque no meio do nada. E ele tem razão. Esta é a essência do filme também – pelo menos uma das essências: buscar o amor, ter (efêmero) e nunca ter o amor, o êxtase, a insolação do amor, a impossibilidade do amor.

Insolação retém aquilo que aprendemos – como estereótipos – ser a alma dos escritores russos malditos, assim como incorpora muito do espírito existencialista. O seu texto, alguns de seus diálogos e imagens têm a aridez lírica das montanhas da Catalunha ou, se preferir uma referência mais próxima, dos campos do cerrado goiano. Escolho ao léu esses territórios rarefeitos. No filme, essas narrativas (as visuais, principalmente) aludem, ou metaforizam,

o desencanto com a inexorável irrealização do amor. Obra elegíaca, crepuscular, ambientada numa isólita, concreta, rarefeita e marginal Brasília. Lugares que são não lugares: o referido e onipresente quiosque no meio do nada, recortes geométricos de irreconhecíveis edificações, etc. Para Hirsch e Daniela, Brasília, mais do que uma cidade, é o espaço cênico conveniente para o anímico drama amoroso (ou as pulsões amorosas) do filme.

Conflito vivido por jovens e velhos (às vezes inauditos casais) deslocados no tempo e no espaço. Sim, porque não há tempo nem espaço em *Insolação*. Tempo e espaço simbólicos, abstratos como numa tragédia grega (paradoxo: o concreto de Brasília se torna abstrato aqui). Espaço cênico, reitero, afinal, fora os protagonistas e coadjuvantes que vemos na tela – vividos por Paulo José, Leonardo Medeiros, Simone Spoladore, Leandra Leal, Maria Luísa Mendonça, entre outros (todos ótimos) –, onde estão as pessoas que habitam a cidade? Apesar de quase irreconhecível, a cidade de *Insolação*, sabemos, tem nome. A capital desmonumentalizada, ovni, fria como o aço. A Brasília de Hirsch/Daniela é a Brasília de Clarice. Impossível pensar nesse filme sem pensar nos textos escritos por Clarice Lispector sobre a cidade.

"É triste que a tristeza seja o tema de nossa conversa. Os pássaros cantam e o sol esconde o frio de nossa bela cidade. Mas eu não estou aqui para falar sobre a cidade, eu estou aqui para falar sobre o amor."

Mas, afinal, do que trata *Insolação*? Ouçamos o que nos diz o dramaturgo, mestre de cerimônias shakespeareano Paulo José, logo no iniciozinho do filme: "Ei, ei vocês", estalando os dedos, olhos fixos na câmara, como se nos alertasse, ou convocasse, a nós, espectadores. "Silêncio, por favor. Posso ter sua atenção?" (breve pausa) "Tris-te-za." (outra breve pausa) "É triste que a tristeza seja o tema de nossa conversa. Os pássaros cantam e o sol esconde o frio de nossa bela cidade. Mas eu não estou aqui para falar sobre a cidade, eu estou aqui para falar sobre o amor." É sobre o amor, sabemos. Não é um filme sobre a cidade, mas também é! A cidade como um reflexo da alma melancólica dos indivíduos e dos casais, e vice-versa.

Insolação alude à possibilidade/impossibilidade de indivíduos novos surgirem a partir da cidade nova. Um espaço novo seria capaz de realizar as ilusões do amor juvenil, de apagar as desilusões (e a descrença) do amor na velhice? Brasília, essa quimera! O "espanto inexplicado", para Clarice Lispector. A urbe "tão artificial como devia ter sido o mundo quando foi criado". Repito aqui a célebre sentença, mil vezes repetida, contida no texto sobre as impressões da escritora quando de sua primeira visita à capital, ainda nos anos 60. E mais uma: "Sou atraída aqui pelo que assusta em mim". Também para Hirsch e Daniela a paisagem árida de Brasília, agora neste novo século, evoca Clarice e teria – imaginamos – o mesmo peso simbólico do deserto nas peças, por exemplo, de Sam Shepard.

Em *Insolação*, ouvimos em *off* um conto filosófico em tom de fábula muito esclarecedor e curioso. Nele diz-se que umas pessoas queriam começar uma cidade nova, mas para chegar até lá tinham que atravessar um deserto. Elas acabariam se perdendo no caminho e, como não

tinham mais como voltar, decidiram transformar a longa, lenta, inevitável morte numa grande festa no meio do deserto. A frustração da fantasia alegórica da Brasília quimérica (ou da cidade nova), propícia à construção do "homem novo", também está em Clarice, numa delirante forma de "ficção científica de época", se é que existe tal gênero. "Brasília é de um passado esplendoroso que já não existe mais. Há milênios desapareceu esse tipo de civilização. Era habitada por homens e mulheres louros altíssimos. Eram todos cegos. Os 'brasiliários' vestiam-se de ouro branco. A raça se extinguiu porque nasciam poucos filhos. Quanto mais belos os 'brasiliários', mais cegos e mais puros e mais faiscantes. Não havia em nome de que morrer. Milênios depois foi descoberta por um bando de foragidos. Eles nada tinham a perder. Ali acenderam fogo, armaram tendas, pouco a pouco escavando as areias que soterravam a cidade."

O filósofo Marshall Berman poderia muito bem dizer que os seres de *Insolação* habitam os escombros desenterrados da cidade nova. Em visita a Brasília, face aos monumentos da Esplanada dos Ministérios, quando perguntado sobre o que via, respondeu: "Vejo as ruínas do futuro". O filme, assim como o texto de Clarice, nos leva a uma velha questão antropológica: os espaços (as cidades) são constituídos pelo caráter dos indivíduos ou são constituintes deles? É o mesmo que perguntar se é o ovo que precede a galinha. Mas o que está em jogo aqui são as identidades. Elas seriam uma consequência do lugar ou o contrário? O francês Pierre Bourdieu costuma discutir a tese em vários de seus livros.

A cidade da "paz do nunca", da "praia sem mar", do "lugar nenhum" ("Você me incomoda, ó gélida Brasília, pérola entre os porcos. Oh apocalíptica"), do "cabelo na sopa", uma cidade assim definida poderia ser responsável pela melancolia das personagens de *Insolação*? Todas as expressões reproduzidas acima foram retiradas de *Brasília: esplendor*, o enorme texto escrito por Clarice depois de uma segunda visita à cidade, realizada em 1974. Lendo-as, penso nos povos nômades do deserto. Suas cidades (cidades?) são construções imaginárias, abstratas. Os povos nômades nos fazem acreditar que os fantasmas estão dentro de nós. A melancolia independe do lugar onde estamos. Porém, isso não diminui a potência alegórica da Brasília cênica de *Insolação*. Clarice costumava dizer que estava morta. Escrevia do túmulo. Paulo José adverte que não está morto, "estou morrendo". Eles têm a lucidez (e o desespero) do velho – e do sábio. A bela *Canção do amanhecer*, de Edu Lobo e Vinícius de Moraes, na linda voz de Anna Margarida (onde estaria ela?) sobre os créditos finais do filme não deixa dúvidas: "Ah, não existe paz / quando o adeus existe / e é tão triste o nosso amor". É verdade, o filme é sobre o amor, é também sobre o amor e – quase íamos nos esquecendo – é também sobre a tristeza do amor.

Sérgio Moriconi é realizador, crítico e professor de cinema. Criou em 2010 o Slow Filme - Festival Internacional de Cinema e Alimentação, na cidade goiana de Pirenópolis.